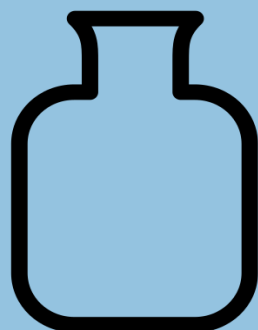




PROJETO
GORDON CLARK

OBSERVAÇÃO



Gordon H. Clark

OBSERVAÇÃO

GORDON H. CLARK

Tradução do original inglês
Observation
by Gordon H. Clark

Via: gordonhclark.reformed.info

Você está autorizado e incentivado a reproduzir e/ou distribuir esse material em qualquer formato, desde que informe o autor, as fontes originais e o tradutor, e que também não altere o seu conteúdo e nem o utilize para quaisquer fins comerciais.

Capa e Tradução por Igor Paz
Revisão por Luan Tavares

Pessoas que falam inglês, mesmo aquelas que usam a gramática de maneira correta e tenha um estilo atrativo, muitas vezes não sabem as regras da gramática tão bem quanto um estrangeiro que a tenha deliberadamente estudado. Um músico talentoso e também um pintor habilidoso podem não saber muito sobre arte. Da mesma forma, um cientista prático e brilhante pode ser relativamente incompetente na gramática da ciência.

Na reunião conjunta do ASA¹ com a *Evangelical Theological Society* em 1961, um dos cientistas afirmou que a observação era a autoridade na ciência. Dois ou três outros oradores confirmaram a ideia de que a ciência depende da observação, e em um contexto que sugere que a observação é a única base e autoridade na ciência. Uma vez que tal ideia traz conclusões importantes para a filosofia da ciência e destaque fortemente a visão de uma pessoa quanto à relação da ciência com a teologia, este artigo vai desenvolver certas considerações negativas.

Para evitar mal-entendidos no início, deve-se dizer que esse argumento não nega que a observação seja uma autoridade na ciência. A tese é que a observação não é a única autoridade. Existem outros fatores, outras regras gramaticais, outros ossos e tendões que determinam a forma da lei científica.

O exemplo mais simples é, sem dúvida, o uso da média aritmética. Depois que o pesquisador coleta uma lista de leituras, ele as adiciona e divide pelo número de leituras. Nenhuma necessidade observacional dita este passo. No que diz respeito à experimentação, ele poderia ter usado o modo da mediana, em vez da média. Similarmente, para dar um exemplo um pouco mais complexo, quando um cientista usa o desvio padrão, ele eleva o x ao quadrado; mas não há necessidade de observação que o impeça de elevá-lo ao cubo. Se o cientista deve responder que o desvio padrão está ligado ao princípio dos mínimos quadrados, basta perguntar-lhe por que ele não escolhe usar o princípio dos mínimos cubos. Muitos outros exemplos podem ser mencionados. Agora, como as leis da ciência dependem das formas matemáticas escolhidas e como diferentes formas matemáticas poderiam ser escolhidas, segue-se que a lei científica não depende totalmente da observação.

Normalmente, pode-se dizer que a observação coloca certos limites na faixa de escolha. A média aritmética leva ao uso de um sinal de erro variável positivo. Tais valores, transferidos para gráficos, tornam-se áreas e não pontos. Através de uma série de áreas, qualquer um de um número infinito de curvas pode ser passado. Portanto, não há necessidade de observação para escolher uma lei científica, em vez de qualquer outra que passe por essas áreas. Embora isso permita um intervalo infinito de opções, também exclui um intervalo infinito. Observação proíbe a escolha de uma curva que esteja fora dos limites do erro variável. Daí a observação é uma autoridade, mesmo que não seja a autoridade.

¹ N.T: Provavelmente se refere a *American Scientific Affiliation*.

Mas enquanto esta seja a situação comum, nem sempre é verdade que o cientista escolhe dentro do alcance da observação. Talvez o exemplo mais famoso seja o da astronomia copernicana. Quando Copérnico ressuscitou a teoria heliocêntrica de Platão e Aristarco, a matemática ptolomaica poderia prever com maior precisão as posições dos planetas do que a teoria heliocêntrica poderia. Além disso, a teoria heliocêntrica implicava que uma paralaxe estelar fosse observada trezentos anos depois. Mas durante esses três séculos a teoria heliocêntrica seguiu seu caminho apesar da observação. O encanto da matemática desequilibrava a força dos dados visíveis.

Na última reunião conjunta da ASA-ETS², não só havia oradores das ciências físicas, como também representantes das ciências sociais, e estes também enfatizavam a observação. Se esses oradores afirmaram ou não que a observação é a única autoridade na ciência está além do ponto em questão; o ponto é que a ciência social pode muito menos prosseguir na confiança cega do que na observação. Uma dificuldade na sociologia é que tão poucas medições fundamentais podem ser feitas. As unidades são frequentemente muito mal definidas ou não estão definidas de todo. Portanto, leis numéricas e medições derivativas são impossíveis.

Mas o fator que remove a sociologia da dependência exclusiva da observação, e que faz isso de maneira mais óbvia do que no caso da física, é o papel proeminente desempenhado pelas normas éticas. Ninguém está satisfeito em contar o número de divórcios ou o número de roubos. Todos, e sociólogos principalmente, correm para explicar a causa e a cura. Mas essas propostas são essencialmente princípios éticos e políticos. Eles são afirmações do que deveria ser; eles não são descrições do que é. Por essa razão, a ética não é uma ciência observacional. Normas não podem ser obtidas por métodos descritivos. No entanto, muitas vezes um sociólogo se recusa a justificar as normas que ele usa.

Existem alguns filósofos que, de fato, alegam elevar as normas de forma descritiva. O argumento contra eles não pode ser detalhado aqui. Mas já foi dito o suficiente, espero, para estabelecer a necessidade de uma filosofia da ciência que defina o papel da observação e indique que outros fatores devem ser trazidos à tona.

² N.T. *American Scientific Affiliation-Evangelical Theological Society.*



PROJETO
GORDON CLARK

Gordon Haddon Clark (1902–1985) foi um brilhante filósofo e teólogo calvinista. Dirigiu o Departamento de Filosofia da Butler University por 28 anos. Profundo conhecedor de filosofia antiga e contemporânea, defendeu a revelação proposicional contra o empirismo e o racionalismo.

 /projetogordonclark

 projetogordonclark